

O perfil do País

A classificação dos candidatos Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva permite, por si só, uma conclusão: o Brasil mudou, não será o mesmo País após 17 de dezembro, qualquer que venha a ser entre eles, o Presidente.

É inócuo tentar proceder-se à exegese da última eleição a partir da visão dicotômica do seu resultado, no sentido de que o eleitorado tenha decidido confrontar um candidato conservador a um candidato de esquerda. Esta dicotomia é demasiado hermética para uma população de 70 por cento semi-alfabetizados. Os dois candidatos que a população escolheu são, na verdade, extremamente parecidos, não na essência mas na imagem como são recebidos pelo público.

Collor e Lula são ambos **outsiders** da política e está aí a primeira conclusão: o público rejeitou os políticos tradicionais, todos eles, e também aqueles que com eles se parecem. Os políticos tradicionais — assim o público os recebe — são responsáveis pela situação a que o Brasil chegou. Sob esta ótica, pode-se inferir que as alianças interpartidárias que se formarão agora não terão peso eleitoral importante conquanto sejam essenciais para conferir densidade política — é capacidade operacional — ao futuro governo.

Collor e Lula são, ambos, excelentes usuários da mídia eletrônica. Ambos comunicaram-se com o público através da linguagem, com frases curtas, objetivas, indo diretamente ao problema tal como o público entende e sente. Todos os demais foram gongóricos, dispersivos, divagadores e, não raro, herméticos, também, como Brizola com as suas “perdas internacionais”.

Ambos, Collor e Lula, são fortemente opositores ao que está aí, sinalizando

a destruição do sistema de poder vigente. Collor elegeu Sarney como símbolo. Lula escolheu o patrão. A imagem que de ambos o público recebe é mais ou menos a mesma — ambos prometem mudar.

Este é o ponto crucial da questão. O povo elegeu a mudança e, entre os que a prometeram, optaram pelos dois que lhe pareceram menos vinculados ao sistema de poder imperante no País.

No segundo turno a decisão vai se dar em função da capacidade que cada um tiver de fortalecer essa imagem e de dar-lhe consistência. Lula luta com um problema de credibilidade associada à desconfiança na sua capacidade de implementar as mudanças que promete. O problema de Collor, quanto a este aspecto, é menor mas não irrelevante. Ele é candidato de um pequeno partido sem quadros conhecidos. As alianças que vão ser agora costuradas terão o efeito de reduzir; ante o público, justamente estes fatores restritivos.

A campanha do segundo turno deverá assinalar o movimento dos dois candidatos em direção a um espaço mais moderado, destinado, quanto a Lula, a eliminar o caráter monoclássista da sua candidatura. Quanto a Collor, o objetivo será moderar a imagem conservadora junto ao eleitorado que não votou nele. Ambos os deslocamentos são essenciais para ensejar a cooptação dos segmentos eleitorais que, optando por mudanças, preferiram fazê-las com mais segurança e com menos riscos.

Este será, inequivocamente, o perfil da campanha dos próximos 30 dias. E também o perfil do próximo governo. Qualquer que seja o Presidente, o País experimentará mudanças. A diferença estará na intensidade com que cada um as fará.